

## CORPO FEMININO E A VIOLÊNCIA

Rodrigues, Diessica<sup>1</sup>; Vargas, Juliana<sup>2</sup>.

Palavras-chave: Estudos Culturais, Estudos de Gênero, Juventudes, Violência de Gênero, Periferia Urbana.

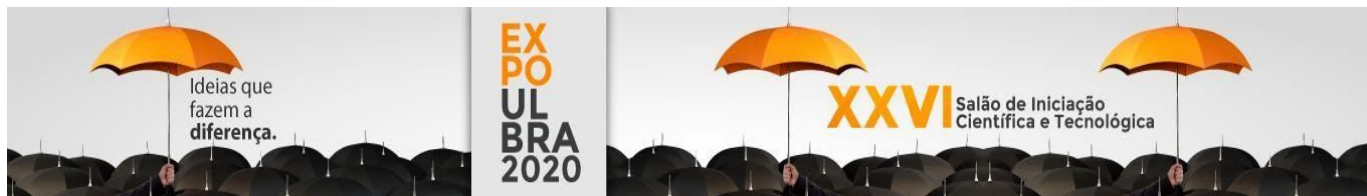
Elaborado a partir da pesquisa “Juventudes contemporâneas de periferia e a sala de aula: discursos, tensionamentos e possibilidades”<sup>3</sup>, o presente estudo está articulado a partir dos aportes teóricos-metodológicos dos Estudos Culturais e Estudos de Gênero em vertente pós-estruturalista. O objetivo é está em analisar e problematizar as falas de jovens de 13 a 16 anos, alunas do 8º ano de uma escola pública do município de Sapucaia do Sul (RS), localizada em uma região de periferia urbana. Como estratégia metodológica, valemo-nos dos grupos de discussão com vinte e cinco alunas, estudantes de duas turmas, que narraram situações de controle dos seus corpos dentro e fora do ambiente escolar. Nos grupos de discussão as conversas realizadas foram gravadas em áudio e posteriormente degravadas. O que chama mais a atenção está no fato de todas as jovens já terem passado por situações de assédio e importunação, muitas vezes em espaços populares (como hipermercados). Percebemos que a família tenta proteger as jovens, contudo ensinam e orientam que elas que devem, antes de tudo “se cuidar”, observando a escolha de suas roupas e dos locais que frequentam. Os meninos não são ensinados a se comportarem perto do sexo oposto, porque quem deve ser ensiada ater postura é a mulher. Podemos pensar que discursos históricos, que culpabilizam as mulheres pelas violências que sofrem acabam por constituir os modos de ser e de viver dessas jovens. A instituição escolar é perpetuadora desses discursos, ao regular enfaticamente as roupas femininas, justificando que determinadas peças fazem os colegas “perderem” a concentração. Em sociedades marcadas por desigualdades entre homens e mulheres, a violência de gênero ocorre com maior frequência, sendo um fenômeno cultural e estrutural. Projetando o atual momento de pandemia do Covid-19, abrimos a discussão para análise de como as agressões físicas, sexuais, psicológicas e morais aumentam, por isolar pessoas vulneráveis com seus agressores. Destacamos aqui, que as jovens sentem-se oprimidas e com medo seus apontamentos mostram que ao andarem na rua já pensam como podem se defender, caso atacadas. Além de baixarem a cabeça com intuito de não chamar atenção ao passar por um grupo de homens Em vista da escuta realizada este estudo espera contribuir, apoiado nos aportes

---

<sup>1</sup> Graduanda de história, pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Bolsista CNPq. E-mail: [diessica.g.rodrigues@gmail.com](mailto:diessica.g.rodrigues@gmail.com)

<sup>2</sup> Pesquisadora e Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação, pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), campus Canoas. E-mail: [juliana.vargas@ulbra.br](mailto:juliana.vargas@ulbra.br)

<sup>3</sup> Pesquisa aprovada pelo edital Universal do CNPq 2016



teóricos, para a produção de novas práticas educativas e pedagógicas que visem contribuir para uma educação mais igualitária para todos.